

# 1 A DINÂMICA TECNOLÓGICA CONTEMPORÂNEA E AS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

Neste capítulo serão apresentadas e analisadas algumas das principais abordagens teóricas que tratam dos fenômenos de comportamento e relação sociais em grandes áreas urbanas com atenção específica aos aspectos relacionados à mediação estabelecida pelas novas tecnologias de informação e comunicação. Primeiramente serão interrelacionados alguns apontamentos sobre o impacto urbano destas tecnologias na produção e organização do espaço em função das novas possibilidades de acesso a serviços, nas novas demandas econômicas e produtivas e nas necessidades infraestruturais por elas requeridas. Alguns exemplos de fenômenos que podem ser associados a estas novas tecnologias e que têm um grande impacto na organização do espaço atual são as novas formas de gerenciamento à distância, os fluxos digitais de capital e investimento, as alterações na mobilidade e no trânsito de produtos e pessoas, o surgimento de práticas fragmentárias de prestação de serviço e a flexibilização da produção industrial. Esta última, em função de sua ampla escala e de sua dinâmica intensa, provoca abalos mais contundentes no espaço urbano do que as práticas sociais cotidianas. A necessidade cada vez maior de articulação territorial é um fato fundamental no contexto das grandes áreas industriais, nas quais a noção de uma rede de serviços interdependentes trazem à tona algumas definições como as de: sistemas urbanos (MITCHELL)<sup>20</sup>, dispositivos urbanos (VIRILIO)<sup>21</sup>, dinâmicas de paisagem (SOARES FILHO *et al.*)<sup>22</sup>, conectividades urbanas (CASTELLS)<sup>23</sup>. Os espaços urbanos específicos surgidos nos meandros desta rede ou deste sistema produtivo podem ser encarados em alguns casos como “espaços estratégicos”, vinculados às necessidades das relações econômicas e produtivas que, apesar estarem atrelados a aspectos de mobilidade, operacionalidade e integração, apresentam também outras formas de ocupação advindas das práticas locais. Os principais conceitos atribuídos a estes “espaços estratégicos” são: a heterogeneidade, a dispersão, a descontinuidade, desarticulação, sincronicidade e flexibilidade.

---

<sup>20</sup> MITCHELL. *E-topia*, 2002, p. 87.

<sup>21</sup> VIRILIO. *O espaço crítico*, 1999, p. 16.

<sup>22</sup> SOARES FILHO, *et al.* *Modelagem de dinâmica de paisagem*, 2002, p. 6.

<sup>23</sup> CASTELLS. *A sociedade em rede*, 1999, p. 469.

Num segundo momento o capítulo argumenta a abrangência do conceito de *lugar*, extremamente utilizado em arquitetura, mas que em função de aspectos relativos aos novos atributos dos espaços, deve ser reavaliado. Alguns destes atributos se referem a novas categorias de identidade, proximidade, acessibilidade e articulação entre áreas urbanas que produzem outros *lugares* como interrupções, “zonas-estéreis”, espaços intransponíveis e difusos, “não-lugares”, entre-lugares, “heterotopias” e que tem forte influência da relação empresa x território.

Num terceiro e último momento deste capítulo dedicado às análises do espaço urbano, a dissertação buscará apresentar reflexos territoriais destas críticas utilizando como exemplo a Região Metropolitana do Vale do Aço. Em função da forte influência da dinâmica industrial contemporânea no espaço, esta região nos permite avaliar, no contexto brasileiro, a pertinência dos conceitos trabalhados anteriormente, uma vez que muitos deles são relativos a espaços urbanos localizados em outros países. Serão analisados aspectos relacionados à constituição da paisagem, à presença de vazios urbanos, aos fluxos demográficos ocorridos nas últimas décadas, à concentração fundiária, entre outros, apontando para o caráter inerentemente urbano-industrial que é característico do Vale do Aço.

O que estamos chamando de grandes centros urbanos contemporâneos podem ser identificados tomando como exemplo as regiões de estudo dos autores citados acima: a região de Pearl River Delta ou o Vale do Silício, por Castells<sup>24</sup>; a cidade de Boston, segundo Mitchell<sup>25</sup>; Paris, tanto para Virilio<sup>26</sup> quanto Augé<sup>27</sup> e Londres, para Hillier<sup>28</sup>, todas elas pólos industriais ou de serviços especializados. Apesar da diferença de tamanho entre estas localidades e a Região Metropolitana do Vale do Aço, esta última está, em função das grandes empresas exportadoras instaladas na região, inserida em uma cadeia produtiva internacional que, por sua vez, se conecta a outros grandes centros tecnológicos em todo o mundo. Dessa forma, o Vale do Aço sofre interferência da aceleração dos processos num nível bem mais amplo, o que faz com que a região apresente sintomas de um grande centro tecnológico numa escala proporcional às localidades citadas acima. A discussão destes sintomas será realizada na última seção deste capítulo.

---

<sup>24</sup> CASTELLS. *The informational city*, 1989.

<sup>25</sup> MITCHELL. *City of bits*, 1995.

<sup>26</sup> VIRILIO. *O espaço crítico*, 1999.

<sup>27</sup> AUGÉ. *Não-lugares*, 2003.

<sup>28</sup> HILLIER. *Common language of space*, 1998.